

Illustração

PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTISTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GARCIA

Redacção, Admini-
stração e Officinas de
Composição e Im-
pressão.

Rua Formosa, 43 LISBOA.



UMA LAVRADEIRA DE AFFIFE
(Cliché do Sr. J. AZEVEDO)

Assinatura da "Ilustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno..... 4\$800 réis
 » semestre..... 2\$400 »
 » trimestre..... 1\$200 »

Assinatura conjunta do "Seculo", "Supplemento Fumoristico do Seculo" e da "Ilustração Portuguesa"

Portugal, colonias e Hespanha
 Por anno..... 8\$000 réis
 » semestre..... 4\$000 »
 » trimestre..... 2\$000 »
 » mez (em Lisboa)..... 700 »



Meio seculo de successo
ESTOMAGO
 O Elixir do Dr Mialhe
 de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.
 A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

Espançosa força mental

A arte de dominar

MARAVILHOSOS RESULTADOS APRESENTADOS
 PELA COMISSÃO ENCARREGADA DO ESTUDO DO HYPNOTISMO EM BENEFICIO DO PUBLICO

O Hypnotismo não é mais um mytho, uma criação imaginária do espirito, mas sim uma realidade, uma força capaz de fazer um bem immenso. No intuito de averiguar o valor exacto de tão decantada força, formou-se uma comissão composta de um medico, um juriconsulto bem conhecido, um proeminente membro do clero e um director de caminhos de ferro, a fim de estudar o Hypnotismo.

A comissão fez uma serie de investigações sobre a influencia que o Hypnotismo exerce sobre todos os acontecimentos diarios. O primeiro cuidado dos membros da comissão foi estudar aprofundadamente a sciencia do Hypnotismo, de modo a ficarem



Doutor G. S. LINCOLN. Medico
 101, Crutchfield St: Dallas, Tex:

aptos a julgar por experiencia propria o bem e o mal que poderia fazer tão poderosa força. Escreveram ao New-York Institute of Ciencias dept^o 1518 B de Rochester, N. Y. a mais importante escola de hypnotismo e sciencias occultas do mundo: e receberam instruções completas e detalhadas sobre o modo de empregar o Hypnotismo, como influencia para os negocios, como remedio para os doentes, etc., etc. Em poucos dias, os membros da comissão sabiam a fundo a sciencia do Hypnotismo, tornando-se mestres n'essa arte.

Demonstrou-se claramente que o Hypnotismo pode ser empregado de tal modo que a pessoa hypnotisada ignora completamente que o foi. Feitas todas as considerações, a comissão julgou este facto como a mais valiosa descoberta contemporanea. O seu conhecimento é essencial ao bom exito na vida, e ao bem-estar na sociedade.

O dr. Lincoln, diz, depois de um estudo aprofundado da materia, que julga este facto um dos maravilhosos therapeuticos ou curativos dos tempos modernos.

O juiz, dr. Schafer, apesar de ser uma capacidade juridica, experimentou servir-se d'este meio para curar doentes, e em poucas secções curou John E. Myers, de Flemington, N. Y. de uma molestia exquisita, que o impedia de almoçar havia nove annos, a qual, na opinião dos medicos, seria a causa da sua morte. A fama do juiz Schafer alargou-se, e centenas de doentes vieram procural-o.

O Sr. Stoufer poz em execução o facto extraordinario de hypnotisar Mr. Cuningham, de Pueblo, Col: á distancia de alguns quarteirões de casas; hypnotisou igualmente um individuo edoso, obrigando-o a correr pelas ruas, gritando: «Vende-se amendoim torrados». A opinião do Sr. Stoufer é que o hypnotismo é indispensavel para o bom successo dos negocios.

Diz o Rev. Weller que todos os membros do clero e todas as mães de familia devem aprender o Hypnotismo, em beneficio das pessoas com as quaes estão em contacto diario.

Falando d'essa força maravilhosa, diz o Sr. Eliot, presidente do collegio Harvard, dirigindo-se aos alumnos: «Meus senhores, existe em cada um de vós um poder subtil, uma força latente; poucos d'entre vós tem desenvolvido essa força, a qual, entretanto, pôde tornar-vos irresistiveis. Essa potencia chama-se Magnetismo individual ou Hypnotismo. Aconselho-vos a desenvolvel-a.»

O New-York Institute of Science acaba de publicar

10:000 exemplares de um livro que ensina todos os segredos d'esta força maravilhosa, formando assim hypnotisadores praticos, de modo a poderem empregar essa força, sem que ninguém o perceba. Está ao alcance de qualquer pessoa, e o successo é garantido.

Acha-se incluída no livro uma lista dos membros da comissão; e elle será enviado gratuitamente a quem o pedir. Um simples bilhete postal, indicando o nome e endereço, é sufficiente. O porte das cartas para a America é de 50 réis, os bilhetes postaes são de 20 réis. Não percam tempo, escrevam hoje mesmo.



JUIZ HENRY SCHAFER
 Flemington, N. Y.



F. H. STOUFER, Secretario e thesoureira,
 da Associação dos conductores dos
 Caminhos de ferro.



Rev. PAULO WELLER
 Gorham, N. Y.

LISBOA SUBTERRANEA AS THERMAS ROMANAS DA RUA DA PRATA



1—O sr. Ruy dos Santos Antunes nas thermas
2—O sr. conselheiro Emygdio Lino da Silva, coman-
dante dos bombeiros, descendo para as thermas
3—O sr. Eugenio Roseira tirando os seus croquis

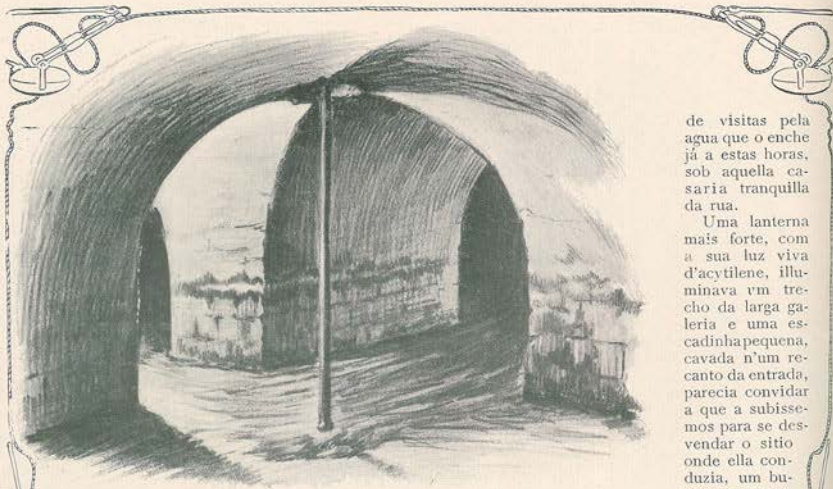
Foi n'um velho codice d'Alcobaça, escrito por fr. José de S. Lourenço, a tinta côr de ferrugem, com uma planta vaga, que pela primeira vez se deu noticia do subterraneo existente na rua da Prata entre as dos Retrozeiros e S. Julião. O frei achára esta lapide que dedicava a obra a Esculapio e em que uns augustaes a doavam ao município; descera, atascára-se no lodo das ruinas, to-pára signaes de portas e depois, n'aquelle anno de 1773, retirára á livraria do seu convento a declarar serem cryptas os logares por onde vagueára á luz d'uma lanterna, cheio de enthusiasmo e de terror. Correram os annos, e após o terremoto alguém visitou tambem esses trechos mysteriosos da velha cidade até que em 1859, ao fazer-se o cano de exgote da rua da Prata, um picareta batendo n'um corpo rijo lançou o alarme de que ali existiam rochedos. Continuaram a excavação; uma grande pedra rolou e deixou a descoberto um buraco negro e profundo d'onde vinha como a soada d'agua a marulhar. Os trabalhadores largaram a faina; correram a prevenir o empreiteiro dizendo terem visto a bocca do inferno; em volta o povoleu alargou commentarios; a rua encheu-se; o caso andou de bocca em bocca e a Camara Municipal mandou averiguar se realmente nos dominios do município ficava o inferno cuja boccarra os obreiros juravam ter achado.

Desceram varias pessoas, visitaram o logar n'uma canõa e á luz d'archotes; o bibliothecario Francisco Martins d'Andrade deixou um relatório e uma planta foi levantada; encontraram-se por lá boccados de marmores claros e outros veiaidos d'azul e trouxe-se

a convicção que as cryptas vistas, segundo dizia o monge de Alcobaça, que a bocca do inferno, tão temida pelos trabalhadores, eram os restos d'umas thermas romanas que deviam datar da epoca opulenta de Tiberio. Em 1868 novamente lá se desceu para acabamento d'obras e depois aquillo fechou-se, fez-se d'ali um reservatorio, com a sua tampa de ferro mandada ajustar pelo corpo de bombeiros, para no caso de incendio se utilizar desde que houvesse mingua d'aguas nas visinhanças.

Visi-
támos
esse
subter-
raneo
por um domín-
go de sol, n'essa calma morri-





de visitas pela água que o enche já a estas horas, sob aquella casaria tranquilla da rua.

Uma lanterna mais forte, com a sua luz viva d'acetylene, illuminava r'm trecho da larga galeria e uma escadinha pequena, cavada n'um recanto da entrada parecia convidar a que a subissemos para se desvendar o sitio onde ella conduzia, um buraco negro tambem e que nos tentava. Subi-

nheita da Baixa nos dias de descanso, mergulhámos pela abertura negra d'onde a água fóra exgotada durante cinco horas consecutivas por bombas poderosas. A entrada é quasi em frente da porta do sr. Joaquim Martins Vianna.

Chegou o momento da descida pela abertura profunda e ao chegarmos abaixo, ao ultimo degrau da escada alta, ficando separados da rua, cujos ruidos já não ouviamos, os nossos olhos apenas depararam com uma luzinha frouxa n'aquelle escuro a brilhar como uma estrella no ambito d'um poço. Era mais um reflexo pallido do que uma claridade; como um vago bico de gaz no fundo d'uma ampla cisterna. A nossos pés corria a água por um regueiro, chalhava alegremente e ia perder-se n'um recanto que não víamos, empoçar-se decerto sem aquella mangeira forte que a chupava lá do alto. A voz d'um operario, que ali se acocorava, preveniu-nos que se devia caminhar de cabeça baixa, o corpo curvado por aquella estrada estreita e abobodada onde o regueiro passava e lá fomos guiados pela pequena lampada até ao fim do caminho que desembocava n'uma galeria larga, vasta, de um metro e trinta e tres centímetros d'altura e que era a maior d'aquelle subterraneo ha tanto tempo defendido

mos cinco degraus, depois mais alguns e ali as nossas cabeças ficavam rentes com uma grande lage que tapava essa sahida.

Aquiétamo-nos um momento, a esperar, no vago claro dos phosphoros que se riscavam nas paredes enxutas do logar. De repente sobre aquella lage que os nossos dedos tocavam curiosamente ouviu-se um ruído enorme como d'um deslizar rijo e apressado. Alguem murmurou:

—E' um electrico! Soltámos uma risada que echou cá para baixo, para o fim da galeria enorme. Era com effeito um electrico que passava na linha descendente da rua da Conceição e nós estávamos quasi debaixo do seu caminho. O predio numero 85 d'essa rua ficava em cima; d'elle partira outr'ora uma descida para as thermas e na casa visinha está ain-



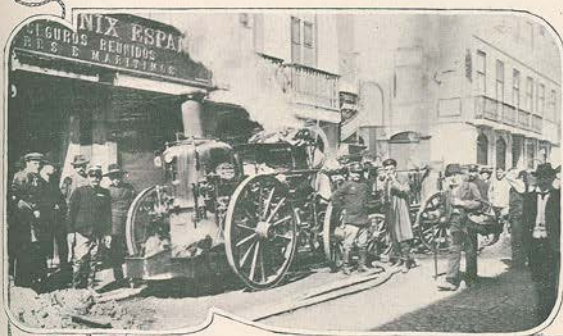
1—A segunda galeria onde existe a chupadeira (desenho sobre croquis do sr. E. Roscira)
2—A bomba na rua da Prata

da incrustada na parede a lapide que o frade viu e na qual se dedica o templo a Esculapio. Tivemos que descer, caminhar pela grande galeria fronteira a analysar bem o lugar e lá fomos arrumados ás paredes, tacteando-as desde que a luz d'acetylene se atastava mais para ir bruxolear ao fim junto á parede onde a galeria terminava e na qual encontramos dois caminhos para a banda da rua da Prata.

Dançavam sombras vacillantes nos paredões, ouvia-se o chapinhar das botas enormes, que calçavamos no lodo e na agua que ainda lá ficára e vinham idéas de descobertas singulares no fundo d'aquelle subterraneo onde se evocavam as angustias e as praticias, os escravos romanos, todo um passado longinquo que ainda fere as imaginações pela sua grandezza. Tomamos pela ultima galeria, cortada ao fundo, deixamos a que encontramos primeiro á esquerda, porque a nossa ancia era avançar para as bandas do Tejo, pensando em caminhos longos, estradas largas e sem fim, sempre abododadas, como se o mysterio pudesse existir ainda virgem e em larga escala sob uma rua da Baixa que os alviões pombalinos removeram activamente. No entanto aquillo algu-

ma cousa era; uma galeria mais curta, mas da mesma largura e altura que aquella d'onde sahia, e lá ao fundo, verificamos, á luz da lanterna, que na cal do reboco alguém tinha gravado uma data: 18-2-1868. Fôra, pois, n'um fevereiro, ha quarenta e um annos, que os operarios municipaes tinham ido fazer as ultimas obras n'aquelle lugar. Depois d'isso só nós a atravessamos n'um entusiasmo extranho a cada nova arcaria que iamos descobrindo. Tratava-se de regressar e ir para a outra galeria, a que tinhamos achado ao começo e ali, sendo muita a escuridão, porque a lampada ficára no outro lugar, vimos com uma debil claridade, muito frouxa, muito vaga, vinda do alto, a descer e a ter um reflexo ao fundo da arcaria.

D'um lado e outro havia como fundos nichos onde as nossas vozes echoavam e que eram decerto outras galerias que tinham sido entaipadas, mas onde queriamos vêr logares destinados aos banhos. Aquella claridade tentava-nos todavia e ao caminhar para ella sentia-se que alguma cousa nos embarçava. Esperou-se pela luz e ante ella viu-se uma chupadeira hirta e enorme descendo d'um predio, que ali se mostrava, e pela qual os moradores utilizam



1—A escada que conduz á rua da Conceição ao fim da galeria de entrada
(desenho sobre croquis do sr. E. Roseira)
2—A bomba trabalhando no esgotamento

SACRVM
AESCVLAPO
M-AFRANIVS-EVPORO
ET
L-FABIVS-DAPHNV
AVC
MUNICIPIO-DC

(2)

A lapide collocada no estabelecimento do sr. Fernandes & Cardoso na rua da Conceição e que foi achada por fr. José de S. Lourenço

vatorio que tem fama, larga, a que se chamava *poço da agua santa* e corresponde ao predio n.º 59 da rua da Prata onde era a antiga casa do Chuva. Teve realmente nomeada a agua para doenças dos olhos; o povo accorria ali a tiral-a com baldes dos muitos que lá encontramos com a sua madeira apodrecida, os arcos enferrujados, sem fundo e que foram retirados bem como algumas garrafas velhas.

Um de nós achára uma botelha cheia de liquido, abri-a e verificára ser vinho do Porto o que ella continha. Mas como tinha ido parar áquella profundidade o precioso liquido, sob aquella alta casaria? Era o que nos explicava a abertura do poço da *agua santa*, esse garga o extenso, debaixo d'aquelle predio, onde sem duvida no mez de calores, como o julho ardente em que o sr. José de S. Lourenço—verdadeiro descobridor do subterraneo—lá desceira, um morador se entretivera a refrescar o seu vinho n'aquella agua milagrosa e fresca.

Talvez topasse algum attrico, talvez fosse debil o cordel que a prendia e a botelha lá ficára boiando até, que exgotado

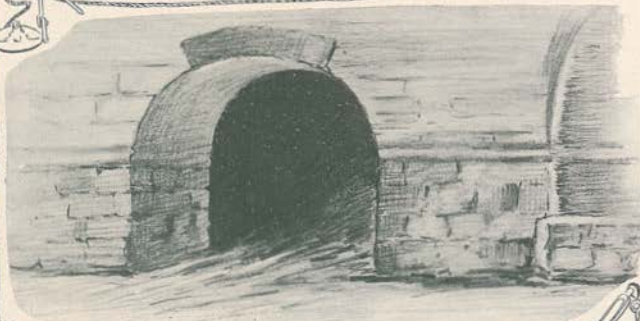
a agua das velhas thermas. Lá ao fim, aquella claridade vinha tambem d'um outro poço mais largo; era d'esse que chegava esse reflexo vago e tenue que viamos e logo verificavamos tratar-se do antigo reser-

o lugar, nós a tinhamos achado no meio dos destroços, dos baldes, das madeiras, d'outras garrafas vasias e dos sarrafos. Diziamos tudo isto, atascados no lodo até aos tornozellos, no logar da agua santa, vendo na nossa frente uma grande extensão lamacenta que deixavamos atravessar para a galeria baixinha por onde tinhamos penetrado no subterraneo. Mas sentiamos cantar a agua ali perto, havia um ruido mansinho de nascente e n'essa parte o lodo parecia menos escuro, sem aquelle tom esverdinhado que tinha lá para o meio. Era necessario metter as mãos n'aquelle lameiro, procurar o sitio d'onde surgia a agua limpidia e encontrámol-a, brotando, fresca e clara, debaixo das lages enormes do fundo d'aquelle poço de virtuosissima fama. Dentro em pouco ella escorria com força mal desentupimos a sua sahida e atravessavamos de novo para o



O chefe de bombeiros sr. Carvalho á volta das thermas

sítio onde tinhamos penetrado. Fôra curta a volta. Tíhamos encontrado parallelamente tres galerias a primeira por onde entramos curvados, a segunda onde estão os poços, a ultima aquella onde existe a data gravada no ieboco pelos trabalhadores. Viamos signaes d'arcos que communicavam entre ellas, achavámol-as da mesma altura d'um metro e trinta e tres centímetros, da mesma largura e do mesmo talhe, as paredes e os tectos de cantarias rebocadas, o chão de lagedo cimentado e coberto de lodo, sobretudo no fundo d'aquelle poço que cor-



Uma das galerias entapadas (desenho sobre croquis do sr. E. Roseira)



responde ao prédio da rua da Prata. Que havia mais n'aquelle subterraneo onde não chegavam signaes de vida exterior se não na parte da escadilha sob a rua da Conceição, n'aquellas galerias largas que tinham visto outros homens em varias epocas e assistido a uma grande civilização?! Para nós o grande pesar de que as obras feitas ha quarenta annos no grande exgoto da rua da Prata tivessem tapado a continuação das thermas marcadas na planta até quasi á rua dos Fanqueiros, a decepção de não podermos n'aquelle dia visitar esses restos para onde a passagem era interdicta. E a evocação fazia-se mais a mais; a recordação de velhas leituras apparecia mais nitida, a lembrança de que ali proximo da Magdalena se tinha elevado esse edificio thermal

tava cortado por uma canalisação moderna.

No entanto alguma cousa havia ainda lá em baixo para analysar; logo á entrada do buraco por onde tinhamos descido, n'um recanto, onde ha signaes d'uma fonte, a meio metro de altura na parede e lá para o fim, em uma galeria, a mais baixa de todas, onde se tinha que andar quasi de bruços, um fundonegro que nos tentava.

Pegámos n'uma lampada d'azeite; um de nós caminhou porque o espaço era curto e estreito para todos e ao meio, n'uma curta volta onde mal cabe uma pessoa, segurando n'uma das mãos a lampada e tacteando com a outra a parede humida, fomos deparar com uma grande extensão d'agua, assim como vinda por um cano de meio metro d'alto e que era limpida, d'uma clareza de nascente rodeada de cantarias, e que ali estava a indicar talvez um novo caminho. Mettemo nos na agua, fomos andando com a luz adiante, cautelosamente e sentimo-nos inundados. Estavamos dentro d'um tanque de quatro



chegava ante a impossibilidade de podermos reconstituir tudo.

Sabiamos que toda essa area até ao Limoeiro e para o Castello fóra outr'ora a mais querida dos romanos, que ali tinham elevado o balneario e lá para cima, junto á igreja que se chamou de S. Martinho, houvera n'aquelles seculos um monumento á memoria de Sabina Augusta, mulher do imperador Cesar Trajano Adriano Augusto, neto do divino Nerua, e viamos que tudo isso se apagára mas sobretudo que aquelle subterraneo onde tinhamos descido es-



1—O sr. Mario de Agua-Izé nas thermas
2—A escada do prédio n.º 85 onde existia uma das entradas para as thermas
3—O trecho da segunda galeria

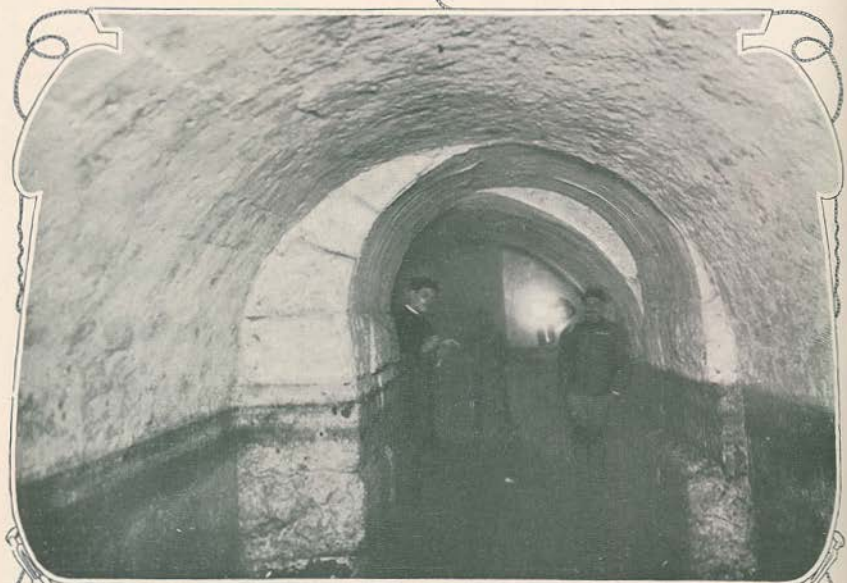
a cinco metros de comprimento por meio de largo, que naturalmente alimentou n'aquellas eras as thermas das augustae e das patricias. A luz bruxuleava na humidade, apagava-se e ficavamos aguardando que nos trouxessem outra, já na volta, ao pisarmos novamente o chão da galeria onde estavamos curvados.

Depois uma nova visita a tudo aquillo; uma caminhada toda de vagares, palpando as paredes, esfurcando nos lodos, olhando as claraboias dos poços, trepando ás escadinhas da rua da Conceição para ouvirmos o ruído dos carros n'um signal de vida, enquanto pelas abobodas cavas da primeira galeria resoavam as detonações do magnésio a cuja luz se faziam as photographias e após as quaes soavam as vozes tumultuosas.

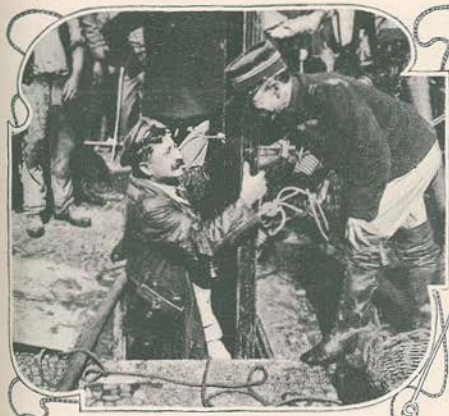
Na nossa frente, depois do relampago, de novo o escuro, alguma coisa de muito triste, após o deslumbramento e no emtanto sentiamos ainda tentados a ficar ali, a determos sob aquelle casarão onde se passavam as cousas da vida quotidiana dos seus moradores, onde naturalmente reinava a calma sem mais comunicação commosco que por esses poços profundos d'onde a chupadeira leva a agua e os velhos moradores d'outras eras desceram as suas garrafas de vinho para se refrescaram. Havia ainda gente no fundo da ultima galeria, visitantes cheios de curiosidade, sabedores de que só



d'aqui a alguns annos lá se voltará e ouvia-se proximo o cantar da agua que subia. Naturalmente era preciso sahir. Tempo depois de estarmos em baixo tinha descido o sr. conselheiro Emygdio Lino da Silva, commandante do corpo de bombeiros, que percorrera já todos os recantos das thermas e nos manifestava todo o interesse que lhe tinha despertado a velha recordação d'outras



1—O sr. Rocha Martins á volta das thermas
2—A grande galeria



épocas, agora transformada n'um vasto reservatório d'aguas que devem ser applicadas ao serviço d'incendios no caso de necessidade.

D'aquella nascente enorme, as aguas vivas brotam e enchem em pouco tempo esse lugar de onde tiraram quatrocentos mil litros d'agua as bombas poderosas trabalhando durante cinco horas e ella representa realmente um grande deposito da maior utilidade, que a corporação de

bombeiros zelosamente conserva e que lhe poderá servir em face das faltas d'agua que se dão por vezes em Lisboa.

Os nossos companheiros não se resolviam porém a sahir; parecia nascer, n'elles o desejo enorme de trazerem de lá recordações, d'encontrarem qualquer cousa que marcasse inolvidavelmente aquella excursão curiosa no fundo das thermas; arrancavam pedaços de stalactytes presas nos tectos da galeria baixa e mostravam-nos satisfeitos, guardando-os depois, ficando assim com as lembranças do seu passeio por aquelles caminhos subterraneos.

E ali sentados n'aquella escada se combinavam novas excursões pelo sub-solo, se evocava todo o passado d'essas thermas romanas a que a nossa civilisação e a dos nossos antepassados roubou o seu verdadeiro cunho sem destruir todavia essas galerias soberbas que tem impressos os vestigios do grande povo.

Ao cabo de duas horas de estada no fundo do subterraneo, vieram dizer-nos que a agua subia mais, que a bomba seria impotente para a exgotar dentro em pouco, e então, molhados até aos tornozellos, viemos pela galeria baixa, curvados a alcançar a escada que se collocára para a descida, lançando um ultimo olhar para o caminho do tanque já inundado e para as bandas do poço da agua santa cuja claridade nos surprehendera por debaixo d'aquelle grande predio da rua da Prata que torneja para a rua



1.—O photographo da *Illustração Portuguesa* sr. Benollet á volta das thermas falando com o chefe Carvalho—(Cliché por J. CANDELA.)
2.—Na entrada da grande galeria

da Conceição. Da banda do tanque vinha mais intensamente a soada do liquido que caia; o lugar sob o poço da agua santa devia estar inundado, sobretudo porque tinhamos descoberto as pedras, esgarçado os pontos por on-



1—A loja da rua da Conceição com os n.ºs 79, 81, 83 onde existe a lapide e um poço que dá para as thermas
2—O 4.º quaterão do lado esquerdo da rua da Prata que fica sobre as thermas e que faz esquina para a rua da Conceição e S. Julião.



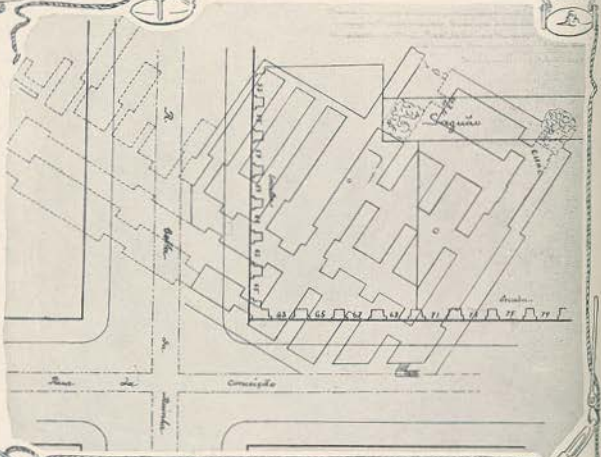
tado, ao fim da excursão e ao regressarmos ao asphalto lisboeta.

ROCHA MARTINS.

N. da R.—A *Ilustração Portuguesa* agradece a cooperação recebida d'algumas pessoas n'esta primeira excursão ao sub-solo de Lisboa, não podendo deixar de especialisar a amavel fórma por que foram concedidas todas as facilidades aos seus colaboradores pelos srs. Anselmo Braamcamp Freire, illustre vice-presidente da Camara Municipal; conselheiro Emygdio Lino da Silva, digno commandante do corpo de bombeiros, e Arthur Prostes da Fonseca, zeloso secretario da mesma corporação. Eguamente agradece ao chefe de bombeiros sr. Carvalho a sua collaboração preciosa bem como a dos srs. Eugenio Roseira e Mario d'Almeida (Agua-Izê) que tanto se dedicaram a esta tarefa.

de elle chegava claro e fresco e d'ahi a algumas horas, até n'aquellas abobodas mais baixas, que os nossos dedos tinham tocado, haveria agua a impedir a passagem.

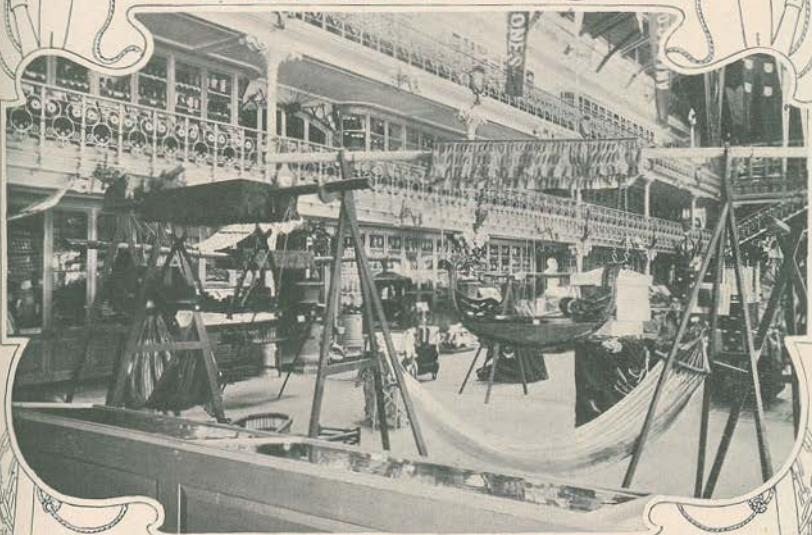
Galgamos os degraus; olhamos a rua, a casaria baticida de sol, um carro que vinha descendo da Magdalena e saímos emfim d'esse subterraneo que dentro em poucas horas estaria novamente cheio d'agua, formando o reservatorio curioso no lugar onde os romanos do tempo de Tiberio se banharam e sonharam talvez com os seus amores emquanto os escravos esperavam para conduzirem os augustaes, no meio de reverencias, a luz do lindo sol de calma, esse sol de que nós tanto tinhamos gos-



3—Planta das conservas d'agua encontradas nas excavações feitas para construção do cano da rua da Conceição levantada em julho de 1899 pelo geometra Almeida e Silva

(Clichés de BENOILIEL)

A EXPOSIÇÃO DOS MEIOS DE TRANSPORTE COLONIAES



Dois aspectos da exposição de meios de transporte terrestres e fluviais adoptados nas colonias, que se inaugurou, em 3 do corrente, na Sociedade de Geographia de Lisboa

(Clichés de BRUNOLIEL)

UM FIVE-O'CLOCK na COLONIA ISRAELITA

NOS JARDINS DA SYNAGOGA



Logo quasi a seguir á entrada do anno hebraico, no dia 15 do seu primeiro mez, chamado de *tishri*, que caiu este anno em 30 de setembro começa a paschoa israelita. Durante sete dias celebra-se a festa do *succhot*—a festa dos tabernaculos ou das cabanas, subseqvente

às colheitas, e commemorativa do acampamento dos hebreus no deserto depois da sua partida do Egypto. E' a mesma festa que a Biblia denomina, ao feitto grego, *scenopegia*, e cuja origem symbolica se encontra explicada no *Exodo*, no *Levitico* e no *Livro dos Numeros*. Enquanto



1—D. Simy Zgury e D. Hanny Levy. 2—O interior da synagoga «Shääré Tikva» do rito portuguez



1— Sr.^{ma} D. Simy Levy,
D. Clara Bensusan,
D. Orovida Zagury,
D. Esther Sequerra
Levy. 2— D. Regina
Anahory Athias e
Salomão Levy

ella durava os judeus, a quem era interdito qualquer trabalho, habitavam sob tendas ou ramagens, e os seus repastos constituíam verdadeiros festins, aos quaes eram liberalmente admitidos as viúvas e os orphãos, bem como os estrangeiros.



3— D. Esther J. Levy,
Meriam J. Levy.
4— D. Vauts Pariente,
D. Esther J. Levy e
D. Orovida Sequerra

Actualmente, as famílias israelitas para celebrar esta commemoração tradicional, uma das mais importantes, armam no jardim das suas habitações a *succa* (cabana) e ahí realisam festivamente os seus repastos. Os judeus portuguezes costumam

mam tambem cada anno em um dos dias do *sucbot*, organizar um banquete oferecido ás crianças da colonia, construindo para esse fim uma graciosa cabana no jardim da synagoga *Shaaré Tikva* da rua Alexandre Herculano, e em que se juntam, na mais singela confraternidade os filhos dos ricos com os filhos dos pobres, que, no fim do agape, recebem egualmente amaveis presentes. Seguidamen-



- 1—A sr.^a D. Donna Benoliel de Levy, presidente da Associação de Somej Nophlim, distribuindo doces ás creanças que assistiram á festa
- 2—Abraham Abner Levy, D. Orovida J. Sequerra, D. Judith Levy, D. Mary Cardoso Anahory
- 3—D. Lea Cohen Zagury, M.^{me} Benjuri, D. Clara Israel, D. Hanny Sequerra, D. Simy Ruah Benoliel, D. Orovida Zagury, D. Esther Benoliel
- 4—O grupo de metinps israelitas que assistiram á festa da synagoga,

(Clichês de BENOLIEL.)

te, realisa-se tambem um *five-o'clock* a que se associam muitas senhoras hebraicas.

Este anno tomaram parte no banquete, promovido pelas sr.^{as} D. Donna Benoliel de Levy e D. Rachel Cardoso Anahory, directoras da sociedade bene-



ficente *Somej Nophlim*, trinta creanças.

As nossas photographias reproduzem varios aspectos, tanto do jantar infantil, como do *five-o'clock* que se lhe seguiu, e que decorreram ambos sempre no meio de uma viva animação e enthusiasmo, a que a garrulagem das creanças deu o maior encanto.

OS GRANDES CRIMES DA EGREJA

UM AUTO DA FÉ

As sentenças do Santo Officio ou eram publicadas em audiencia particular nas culpas de menos gravidade, ou em auto publico da Fé. No primeiro caso a publicação fazia-se com todo o recato e simplicidade. Comparecia o réu na sala do despacho, e ahi, á porta fechada, era lida a sentença na presença dos inquisidores e d'algumas testemunhas ou empregados do tribunal. As penas não passavam d'ordinario de certas penitencias ligeiras com abjuração, mas sem habito.

Quando, porém, os crimes eram graves, a reparação do escandalo mui necessaria, e o segredo uma inconveniencia, então o zêlo dos bons inquisidores pela exaltação da Santa Fé Catholica vencia a sua excessiva modestia e humildade habitual. Sendo publica a offensa, entendiam elles, como insignes criminalistas, que para exemplo dos fieis publica devia ser tambem a punição. Era exactamente para casos taes que os doutos legisladores dos Regimentos de 1613 e 1640 talharam essa solemnidade magestosa, cujos pormenores vamos apenas esboçar.

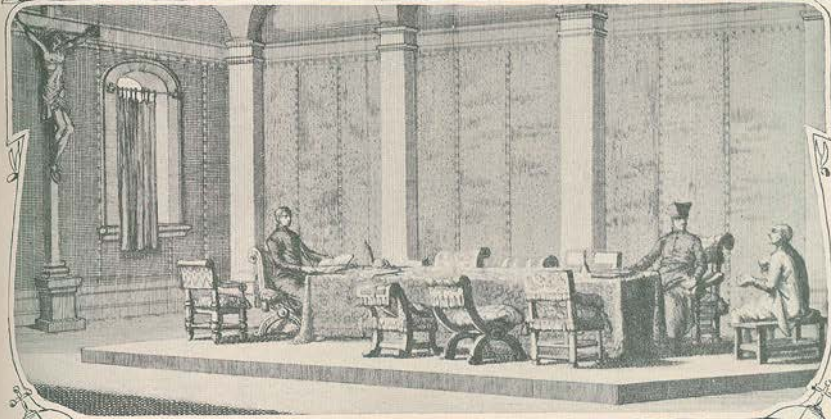
Designado pela Mesa o



Como figuravam as mulheres nos autos da Fé

1—Condemnada a ser queimada viva: 2—Religiosa que evitou a fogueira confessando a sua culpa antes de julgada; 3—Condemnada ao garrote

domingo do auto, o que o Inquisidor Geral devia confirmar, começavam os longos e minuciosos preparativos, que as circunstancias pediam. Oito dias antes era a solemnidade apreçada por editaes em todas as egrejas da cidade com prohibição de haver n'esse dia outro sermão ou procissão. Depois dirigiam-se convites ao bispo e mais dignidades ecclesiasticas e seculares: convocavam-se os familiares; avisavam-se os misteres, que haviam de trabalhar nas pinturas, vestimenta e decorações, e enviava-se a el-rei, se estava na séde do tribunal ou suas proximidades, a competente participação, com a lista dos processados.— Afinal, toma-



A meza Inquisitorial (Gravura da Historia da Inquisição de Limborch)



das certas disposições de segurança e boa ordem, achando-se a postos todas as figuras, abriam-se de manhã as portas do paço inquisitorial, e o espectáculo principiava.

Precedido de dois familiares, rompia a marcha o glorioso pendão do Santo Officio. Insignia mais deslumbrante não a havia por certo n'aquelles tempos felizes. Sobre fino damasco vermelho, em alto bordado d'ouro, viam-se entre tarjas, radiantes como estrellas, de um lado, o engenhoso emblema do augusto tribunal, a cruz da *Redempção* entre a oliveira de *misericórdia* e a espada da *justiça*, servindo-lhe de pedestal as quinas portuguezas, a tiara e chaves pontificaes, e a cruz floreteada de S. Domingos: do outro a imagem do santo martyr de Verona.

Por ser logar de honra pegavam nas pontas dois familiares da primeira nobreza, e nas borlas de ouro dos cordoes dois qualificadores dominicanos.

Após o pendão caminhava a religião de S. Domingos, que em attenção ao seu benemerito instituidor tinha sempre logar reservado no Santo Officio. Seguia-a a irmandade e cruz de S. Jorge, que, como patrono do reino, o era tambem da instituição mais pia e veneranda, que n'elle existia. Trás estes via-se o alcaide dos carceres, vulto austero e respeitavel, empunhando a vara de meirinho. Era esta, porém, como a vanguarda do pomposo acompanhamento. Em seguida principiava a desfilar a ala dos condemnados que não estavam relaxados, cada um entre dois familiares.

Como a gradação das penas é que regulava a etiqueta das precedencias, caminhavam:

- 1.º—os que não abjuravam, nem levavam habito.
- 2.º—os que abjuravam de leve.
- 3.º—os que abjuravam de vehemente.
- 4.º—os que abjuravam em forma por judaismo,

que levavam sambenito.

Era este tambem o logar dos que, havendo confessado as culpas depois de tomado o assento para serem relaxados, soffiriam por isso maior pena e vestuario mais diferenciado. Umas chammas ao inverso, pintadas nas samarras, eram as divisas d'esses condemnados, que na phrase inquisitorial levavam *habito de fogo revolto*.

Depois dos homens vinham as mulheres. Dois familiares deviam escollar cada uma d'ellas. Que fôsem, porém, dos mais velhos e sisudos por causa do escandalo, quando as



1—O *Sambenito* com chammas invertidas, dos que eram garrotados antes de queimados
2—Um auto da fé no Terreiro do Paço 3—A *Samarra* dos relapsos impenitentes, condemnados a serem queimados vivos



1—O *Sambenito* com a cruz de Santo André dos herejes reconciliados
2—Cerimonia para a sahida do padre capuchinho Ephraim das prisões da inquisição de Gôa
3—O estandarte da inquisição de Gôa

penitenciadas eram moças, recommendava-o o *Regimento*, que em pontos de honestidade era sempre o mais escrupuloso possível.

Lenços, toucas, ou outros ornatos, que encobrissem os rostos e os habitos, não eram admittidos. A's que abjuravam em forma vestiam-lhes tambem o *sambenito* (*sacrus œnedictus*.)

A todo este mulhierio servia de Argos vigilante um alentado moçetto, chamado guarda dos carceres, a que seguia a clerezia

do hospital real, e o capellão das escolas geraes (*carceres da penitencia*), levando o grande crucifixo entre seis familiares da nobreza com tochas accesas.

E aqui terminava o cortejo, quando por ventura faltava uma parte, que os inquisidores poucas vezes supprimiam. Essa parte importantissima, com que um povo tão devoto e civilisado mais folgava, e cuja falta tanto sentia, era a dos *relaxados em carne*.

Havendo-os, a sua collocação era a mesma dos outros réus. Segundo a qualidade do crime caminhavam:

1.—os herejes e feiticeiros confitentes diminutos, e simulados. 2.—os negativos convictos, impenitentes, e revogantes. 3.—os relapsos manifestos ou por *feição de direito*, e impenitentes. 4.—os profitentes pertinazes em alguns erros contra a fé.

Ora que era este o gentio mais desordeiro e agitado d'aquella epoca revolucionaria, sabiam-no de sobejo os discretos ministros inquisitoriaes. Por isso todas as cautelas pareciam poucas para que a boa ordem não fosse alterada. Se os réus tentassem bracejar, impediam-lh'o as mãos presas debaixo das vestimentas. O uso da palavra enfream-lh'o as mordanças, que levavam alguns d'elles, e as que de prevenção trazia o guarda dos carceres. Mas ainda assim, comquanto a Igreja já nada tivesse que fazer com elles, a muita misericordia da Inquisição não os desamparava de todo. Por graça especialissima davam-se a cada um dois religiosos da Companhia, que exclamando e gesticulando os iam ajudando a bem morrer.

E tambem, a não ser esta diversão sa-

lutar dos venerandos jesuitas, quem poderia contemplar sem morrer de susto aquelle labyrintho de fogos, labaredas, satanazes, belzebuths, e carantonhas dos profitentes, que em primorosos arabescos se viam desenhadas nas carochas e samarras?

Segundo os velhos estylos do Santo Officio a esta secção pertenciam tambem as estátuas dos condemnados ausentes, as caixas dos ossos dos finados nos carceres, e as arcas dos li-



vros interdictos. Trás estes encerrava a procissão uma escolta de





guardas do tribunal, ou da milicia civil.

Tal era a ordenança d'este triumpho glorioso da Santa Fé, que a presença da côrte, ou as pragmaticas dos inquisidores, podiam tornar mais ou menos apparatuso.



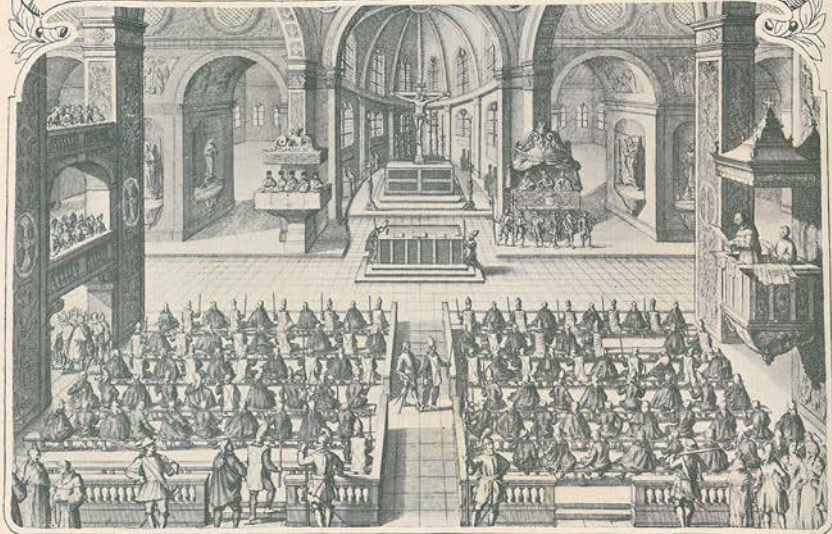
grada não é difficil conjecturar.

Nos termos da boa cortezia o primeiro dever do orador era captar a benevolencia dos inquisidores. Depois vinha a refutação e condemnação da crença judaica em milhares de argumentos fulminantes,

No centro do terreiro ou nave levantava-se um vasto tablado, e n'este o pequeno altar, onde se collocava o crucifixo e alguns missaes abertos. A um lado estava a cadeira alta do Inquisidor geral, e outras mais baixas para os ministros do tribunal. Proxima a estes ou fronteira ficava a justiça secular. No fundo a bancada dos presos. Para a côrte, se estava presente, havia tambem uma tribuna ou outro logar reservado. O resto era para os espectadores.

Um extenso sermão abria a solemnidade. O que deveria ser este primor d'eloquencia sa-

crivados de textos biblicos e d'atrevidas figuras rhetoricas. Seguia-se, em phrase sublimada, o panegyrico do Summo Pontifice, do Santo Officio, e do monarcha magnanimo e fidelissimo, que para a extirpação das heresias não olhava a despezas, nem sacrificios, nem conveniencias sociaes. Não ficavam tambem por tezer uns subidos louvores á mizericordia, sabedoria, e zelo infatigavel dos honrados juizes, que com a sua respeitavel presença tanto abrilhantavam aquelle acto. Afinal rebentava o epilogo, digno remate de tão precioso trabalho. Era ahi onde em jorros d'eloquencia devia trasbordar a facun-



1—A tortura nos subterraneos da inquisição de Madrid
2—Um auto da fé na cathedral de Goa



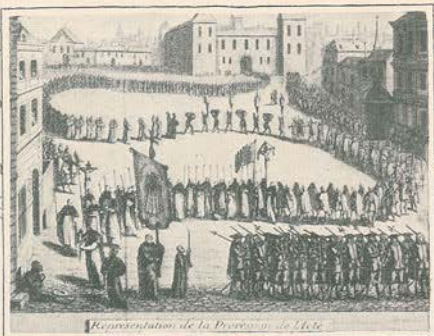
Um auto da fé em Hespanha (Gravura do século XVII)



dia do orador, que para isso os inquisidores escolhiam d'entre os mais religiosos e as-signalados.

Finda a prêdica seguia-se a publicação do *Edital da Fé e Monitorio geral*. N'este, porém, não havia que variar, porque a sua fórmula estava de la muito redigida no Regimento. Era o tal *Monitorio* uma chamada geral a todos os fieis christãos para que, em trinta dias, viessem, sob pena de excommunhão maior, *denunciar e manifestar* ante os inquisidores, por si ou interposta pessoa, o que soubessem de certos casos contra os precêitos da Religião Catholica, usos e doutrinas da Santa Madre Igreja, e auctoridade do Summo Pontifice. N'estes casos comprehendia-se, como era de razão, o que tambem se julgava tocante á infallibilidade do tribunal; tal como,

«Se sabem, ou ouvirão, que alguma pessoa peni-



Representação de la Processão de Lisboa



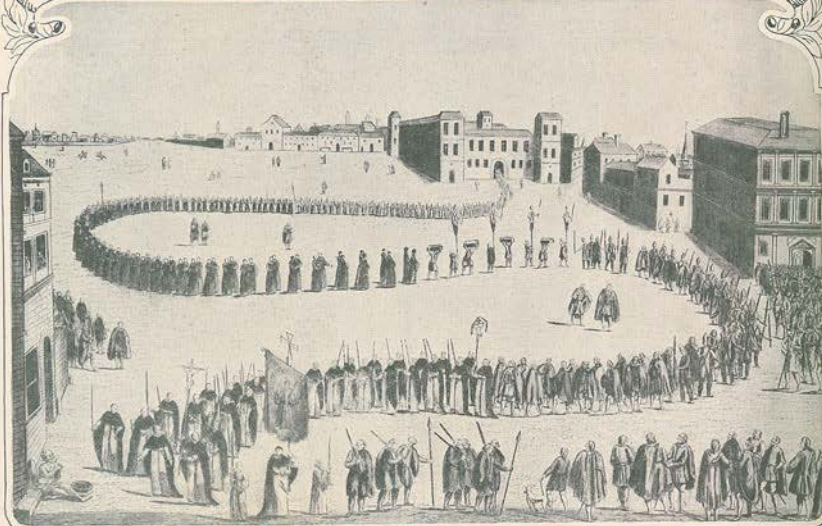
tenciada pelo Santo Officio por culpas, que

n'elle haja confessado, dissesse depois que *confessara falsamente* o que não havia commetido, ou *descubrisse o segredo* do que passára na Inquisição, ou detrahisse, e sentisse mal do *procedimento*

e *recto ministerio* do Santo Officio.»

Mui longos deviam ser na verdade estes preliminares, mas mais o seria o pregão das sentenças dos reconciliados, que em seguida faziam do pulpito dois clerigos. Ao passo que se ia lendo cada uma d'ellas, vinha o réu ouvir-a em pé, com uma vela amarella na mão, junto ao altar do tablado. Terminada a leitura ajoelhava, e n'essa posição, com a direita sobre o missal, ouvia a abjuração, que do mesmo pulpito lhe recitavam, e que elle prometia cumprir. Beijava em seguida o crucifixo, voltando depois ao seu lugar.

Concluía esta scena uma absolvição geral, que de sobrepelez, estola e capa rôxa, lançava



1—A sahida de um auto da fé em Lisboa.

2—A procissão de um auto da fé sahindo do paço dos Estaus, no Rocio (Gravura franceza)



1—João de Torquemada
2—O Cardeal Ximenez, inquisidor-mór de Hespanha, que figura na *Feticheira* de Sardoú

te passo o capellão do carcere da penitencia, os clerigos da freguezia, e os leitores das sentenças, que a todos os penitenciados iam applicando o toque symbolico das varinhas.

E aqui terminava o apparatuso cerimonial do *auto da Fé*, quando n'elle faltavam os relaxados. Havendo-os, o que não deixava de ser frequente, então o drama tornava-se mais pittoresco e prolongado.

Lançada a absolvição, e recolhido o inquisidor ao seu lugar, principiava a leitura das sentenças dos condemnados. Os vivos (relaxados em carne) estavam presentes, em pé, com as mãos atadas, ou em cadeiras de braços, quando as forças lhes fraqueavam. Dos ausentes viam-se as estatuas levantadas em altas varas, grosseiramente arrebicadas de chammas e diabos. A par d'estes estavam as ossadas dos finados, encerradas em pequenos caixões, e as arcas dos livros prohibidos.

N'aquella multidão de fieis reinava então um silencio sepulchral. Ao ouvir a narração das heresias, apostasias, e feitiçarias d'aquelles monstros de maldade não havia espectador a quem os nervos não tremessem e os cabellos se não eriçassem.

Pois havia attentado mais horroroso, do que o filho do judeu ou mouro, baptisado *in infantia*, seguir a occultas a crença amaldiçoada, que os paes lhe haviam ensinado?

Podia haver atrocidade mais espantosa como a de não comprehender perfeitamente as subtilidades da união hypostatica, da transubstanciação, e do livre arbitrio, acreditando na impanação, na ubiquidade, e outros milhões de absurdos, dos impios Lutero, Calvino, Zuinglo, Bucer e seus sectarios?

Dava-se crime mais horrificante do que fazer pactos com o demonio, dar-lhe o sangue a chupar, dançar e folgar com elle, abraçal-o, afagal-o, beijar-lhe a cauda e adoral-o?

Para purificar a terra d'estes e d'outros inimigos da divindade e da humanidade, que era a fogueira? Nada; um leito de rosas até.

N'este acto solemne era tambem que a piedade do tribunal resplandecia com todo o seu fulgor.

Condemnar a supplicios, ordenar o derramamento de sangue humano, não o podiam fazer homens doutos, bons catholicos, e escriptulosissimos, como eram aquelles illustres in-

quisidores. Ao tribunal, inspirado pelo bemaventurado S. Domingos de Gusmão, era impossivel que não repugnassem palavras do excessivo rigor e idéas de mundanas barbaridades. O Santo Officio portuguez, á imitação de seu collega de Castella, era prudentissimo e providentissimo. O mais que fazia (e Deus sabe com quanto custo!) era receber denuncias, ouvir testemunhas, capturar o accusado, interrogal-o, tortural-o no potro ou na polé, e afinal, *Jesus Christi nomine invocato*, classificar a culpa. A declaração odiosa da pena deixava-a ao braço secular. Se este procedia mais rigorosamente não era, inda assim, por vontade d'aquelles seraphins de caridade. Não era com certeza. Para os que duvidassem da pureza das suas intenções ali estava um desengano expresso e formalissimo. Era esse eufonico estribilho, com que as sentenças concluíam, *condemnao e relaxaó á Justica secular, a quem pedem com muita instancia se haja com elle (reú) benigna e piedosamente, e não proceda a pena de morte, nem effusão de sangue.*

E como representante d'esse terrivel braço secular lá estava, com effeito, no auto o corregedor do crime, ou um desembargador da Relação. Lidas as sentenças era este quem do inquisidor as recebia em carta fechada, partindo logo para o tribunal, que a esse tempo devia estar reunido. Aqui, no despacho final d'estes processos, a justiça tinha ao menos de boa o não se mostrar roceira, nem preguiçosa. Como as culpas já vinham declaradas e qualificadas pelos ministros do Santo Officio, não havia mais que abrir o *Liv. V*, da Ordenação, e apontar o *tit. e §.* em que os réus estavam incursos. O unico favor que n'estas alturas faziam ao padecente era o perguntar-lhe em que lei queria morrer. Se respondia que na de Christo, concediam-lhe a graça ineffável de ser garrotado primeiro, e depois lançado á fogueira. Se preferia alguma outra, era então queimado em vida.

E enquanto nas chammas do queimado ardião os relaxados em



carne, os ossos e estatuas dos defunctos e ausentes, e os livros condemnados, recolhia na fôrma, por que horas antes havia sahido, a procissão dos penitentes e reconciliados.

Concluida aquella piedosa tarefa, voltavam os ministros da Inquisição ás occupações ordinarias do despacho. Não houvesse, porém, medo que tamanhas fadigas fizessem affrouxar um momento sequer os animos d'aquelles zelosos operarios. Ao contrario. Respeitados do povo, protegidos por el-rei, abençoados pelo Santo Padre, em paz com as consciencias, os seus brios religiosos exaltavam-se cada vez mais.

Para que somos nós Inquisidores, Ordinarios e Deputados, perguntavam elles a si proprios? Não é para extirpar os herejes, confundir os impios, e dar cabo das superstições?

Firmissimos n'esta idéa, aproveitavam, portanto, todos os meios, que mais efficazes lhes pareciam para a realisar.

Affiguravam-se-lhes extensas, massudas, e de pouco effeito, as fórmulas do processo ordinario com tantos termos, restituições, vistas, dilações, appellações, embargos e arazoados? Pois bem; prescindiam das taes fórmulas, e em sem logar adoptavam as praxes expeditas e summarissimas dos Eymericicos, Bellarminos e Symanças, que n'estes feitos não admittiam longas dezes nem recursos palliativos.

Receivam, applicando certas regras de direito tocantes á instrucção e prova do crime, complicar as questões e abrir

largas á chicana dos accusados?— N'esse caso punham de parte as taes regras como frivolas e importunas, e preferiam-lhes o segredo, a denuncia, a ficção, o arbitrio e a tortura, que davam resultado seguro e promptissimo.

Assim, ainda bem um auto não andava na rua, que já outro estava no laboratorio. Obra adiantada havia-a sempre, louvado Deus, em honra da Santa Inquisição e exaltação da Fé Catholica.

Contando pelas listas desde 1540 até 1732, diz o *Ata*, de 1 de setembro de 1774 que saíram penitenciados em autos publicos 23:068 réus, e arderam nas fogueiras 1:454 relaxados.

Se a conta é exacta, vê-se, proporção guardada, que as nossas Inquisições não valiam menos que as de Hespanha, onde de 1481 a 1820 appareceram 288:214 condemnados em varias penas, 34:485 queimados em carne, e 18:049 em estatua.

Quanto aos bens confiscados os legisladores dos *Regimentos* cumpriram á risca o preceito do evangelista, *dignus enim est operarius cibo suo*. Não os applicavam, por isso, nem para os orphãos e viuvas dos condemnados, nem para os hospitaes e albergarias, nem para a redempção dos captivos, ou outra obra pia e de caridade. Essas propriedades, dinheiros, moveis, rendas, e semoventes, herda vam-nos o real fisco, e o seu fiel auxiliar, o *Santo Officio da Inquisição dos Reynos de Portugal*.

J. C. AYRES DE CAMPOS.



A execução dos condemnados pela inquisição de Lisboa
(Gravura franceza do seculo XVII)

A

MULHER CHARRA



Suspeito de que quem pôz nas minhas mãos a penna, oferecendo-me estas paginas da *Illustração Portuguesa*, dignas de ser invejosamente cobichadas por quantos escrevemos, teve a intenção reservada de metter-me n'um d'esses labirintos de que sô vencendo as maiores difficuldades poderei sair airoosamente, e satisfeito com o exito, sempre bastante relativo e problematico, que posso esperar ao meu intento... se quiz investir-me com a grave toga de officiante para glosar, n'um elogio minucioso, o encanto que constituem na realidade esses atavios charros, que adornando as mais formosas raparigas da minha terra, offerecem aos leitores de tão bella revista, como espectacularo e fino brinde, as photographias que ella reproduz... Mas, se fui assim, decido-me corajosamente a arrostar todos os perigos da aventura.

D'essas charras talvez algum appetça os bordados e requifes da saia, ampla e abalonada, o ouro e o aljófar dos seus broches e d'essas ondas de pesadas pedrarias, que caem, n'uma opulenta riqueza, sobre a plenitude do busto castelhano, e não faltará tambem quem experimente o desejo de saber como se enroscam as tranças de cabelo apertadas no artistico circulo de pregos de filigrana de ouro. Pois contemplem antes, de preferencia, no oval do rosto que essas tranças emolduram, esses olhares que, pela influencia do traje, apresentam agora a doce melancolia da nobre e digna belleza nativa.

Contempleae esses olhos das char-



ras, das simples salamantinas, que irradiam com o fulgor da mirada, o poema completo da sua espontanea naturalidade... Contemplae-os bem, porque algum dia quando, n'uma digressão de vagabundos apaixonados pelas coisas classicas da nossa terra, os vossos passos atravessarem as planicies de Castilla, para achar, nos seus arredores, nas herdades e estalagens, a

mulher charra, que tanto vos seduziu, — n'esse dia que nos reserva o «talvez» entre os seus thesouros de vindouras realidades, porventura buscareis com insatis-

feita porfia o pittoresco vestuario que as estampas mostram, e não alcançariam realizar o vosso desejo, a não ser que vos approximeis bastante da cidade, e vos surpreendam n'ella esses dias em que o bello resurge á flôr da terra por peregrina e consoladora excepção, em que sob as arcadas de alguma praça monumental ou

no desfile alegre e mundano das mascaradas carnalescas, os vossos olhos deparem com esse appetecivel e bello espectáculo artistico, serenamente deslumbrador.

Contemplae esses olhos, torno a dizer-vos: por todo este trecho da velha Castella recebe quotidianamente a terra mater, aspera e escura, a homenagem d'essas miradas femininas das charras, que, quando abrem os seus olhos admiraveis, parecem beijar com uma suavidade casta e acariciadora. Encontra-as-ñeis com suas *sayas* de côres atrevidas... vermelhas, de um vermelho côr de fogo como o resplendor d'estes ocasos sangrentos com que se despede o dia nos azinhaes, amarellas, de um amarello forte e aggressivo, côr de sol; com os aros das suas arrecadas; escurrido e luzidio o cabelo, alinhado n'um penteado sobrio, sem engano nem



artifício; bem defendidas por commodas meias de lã; pisando o terreiro com os seus sapatos de fivella, reforçados, solidos, como que feitos para o caminhar seguro.

Lê-se n'ellas facilmente, sem necessidade de nos atormentarmos com grandes aprofundações psychologicas. Tudo o que da charra pode dizer-se está formosamente condensado n'estes versos de José Maria Galán:

Sencilla para pensar,
Prudente para sentir.
Recatada para amar,
Discreta para callar,
Y honesta para decír.

Honestidade, discreção, recato e simplicidade, que não precisam, para ser encontrados, uma laboriosa sondagem do seu espirito, nem largas practicas, nem a observação n'uma convivencia continua e familiar, mas que se denunciam por de-



traz de um olhar limpo e sereno que não distarça enganar nem malicias.

Confiadas e amorosas, predispostas para saborear o estranho, o imaginario e poetico, envolvidos na trama de uma lenda, de uma historia extraordinaria e phantastica, narrada ou lida nos serões familiares junto da lareira, quando os *tajos* formam um mon-



ção de brazas e, no meio de fumo denso — espiritos mysteriosos tragos e phantasmas — ferve a panella sobre os cepos que crepitam, amorosas e doccis, desde que seja o carinho que as dome, e ariscas, rebeldes a qualquer perseguição, os seus braços são ao mesmo tempo o melhor berço para embalar os filhos e os mais agéis e fortes para se defenderem corajosamente dos maus encontros... Seguem a sua vida:

camino da virtude alto e fragoso

com o seu thesouro de alegrias infantis; mas, quando chega a dór a sua alma sangra e os seus lamentos são alaridos de mãe, d'esses gritos que não se ouvem nas cidades, desgarradores, de uma selvagem e bem dita espontaneidade.

Charritas da cidade! mais doces e brandas, com a mesma herança na corbelha... prudentes, recatadas, charrintas de linhas delicadas, cheias de encantos, que pouco a pouco deixaes adivinhar no fundo do vosso coração, amigas da paz; soffredoras e animosas, as que menos choram, as que confortam com o seu silencio, e sabem tudo porque sabem as palavras de amor e de bondade!

Enquanto a raça se eterna, Castella inteira, como um grande seio adormecido sob o azul puro do céu, então, á hora do Angelus, a canção do caminheiro.

FERNANDO ISCAR PEIRA.

Salamanca, outubro de 1909.

Nota da Redacção.

A impressão litteraria, tão arrecamada de imagens e tão subtil de conceitos, com que o distincto escriptor hespanhol, accedendo a um convite da *Illustração Portugueza*, interpreta a figura moral da mulher *charra*, deixa porém as sumptuosas photographias que acompanham o artigo sem o commentario descriptivo que o leitor certamente desejaria encontrar sobre a indumentaria do archaico traje feminino da provincia de Salamanca. Como todas as cousas eminentemente decorativas, o traje dispendioso da *charra*, tão theatral com os seus bordados de ouro e matiz, foi guardado nas arcas de familia como um anachronismo precioso. Apenas agora, por occasião do entrudo e das feiras annuaes de Salamanca, sob as arcadas da *Plaza Mayor* ou nos camarotes da praça de toiros, o vestido tradicional da *charra* reaparece, com o seu luxo ornamental. E' unicamente n'esses dias que a donzella castelhana pôde revestir a sua casta belleza com os esplendores theatraes do traje magnifico com que suas avós foram á bôda. A magnificencia das saias de damasco e de velludo, com os aventaes recamados de bordados, destôa já entre a vulgaridade modesta e uniforme do traje contemporaneo, que apagou todo o pittoresco da indumentaria regional.

Mas a mulher da provincia de Salamanca, perdida no êrmo das herdades, não se submetteu á perda total d'esse paramento de idolo, que tanto realçava a sua formosura. E é assim que se perpetuou a sciencia complicada do penteado *charro*, que demanda um trabalho laborioso com os seus circulos



ouro: penteado caracterisadamente medieval, sobre que se estende a mantilha de cambraia ou de tulle, bordada a lentejoi-las, cahindo nos hombros sobre a charpa de velludo, traçada no peito, e cujas franjas de ouro se misturam com os colares de filigrana recamada de lascas de diamantes. A'parte a sua sumptuosidade caracteristica, o traje da *charra* parece-se com o das nossas lavradeiras do Alto Minho. E' nas suas linhas geraes identico. Os materiaes de confecção é que fundamentalmente differem. O traje da *charra* não é um traje popular. E' um vestido de gala, accessivel apenas ás familias abastadas.

de meudas tranças nas fontes, presos com grampos de filigrana de

A SEMANA DE CASCAES

A REGATA



- 1 — Largada das canoas da picada:
Ao centro a canoa *Zaza*
do sr. Marques da Silva e do mestre
Anaya Sando vencedora
do 1.º premio
- 2 — Os pequenos yachts de recreio
que tomaram parte na regata
- 3 — A largada dos yachts de recreio

A semana de outomno de Cascaes, com a sua brilhante serie de festas, não pode deixar de ficar lisongeiramente registada nos annaes sportivos, e constitue uma indiscutivel demonstração de que se vae finalmente desenvolvendo no nosso paiz o gosto pelos divertimentos do sport, que, a principio, tanto custaram a acclimar.

O programma organizado pelo Sporting Club



a alcançar, e a que effectivamente os resultados de todas as provas, em que tomaram parte os nossos primeiros remadores, yachtmen, automobilistas, tennistas, esgrimistas e cavalleiros, deram o mais completo relevo. Nenhuma das mais variadas festas realisadas deixou de corresponder á mais vigente e meticolosa espectativa.

Damos hoje os photographias tiradas pelo nosso redactor especial no primeiro dia, preenchido pelas regatas e pelo campeonato de tennis, que com tanto entusiasmo decorreram, tanto umas como o outro. No nosso numero seguinte publicaremos a reportagem photographica das outras festas seguintes, que correram igualmente animadas, attrahindo todos os dias uma grande concorrencia de amadores.



- 1—Canôas da picada
- 2—A largada das canôas monotypos do R. C. N. L.
- 3—Outro aspecto da largada das canôas da picada
- 4—O «strigger» D. Manuel II do R. C. N. L. vencedor da 1.ª corrida (Clubb de Bencolizi)



de Cascaes foi escolhido com o melhor criterio, e os regulamentos dos varios torneios e campeonatos estabelecidos com o mais rigoroso escrupulo e methodo. De ante-mão se podia augurar, portanto, o exito e successo que a semana de outomno estava destinada

O CAMPEONATO DE LAWN-TENNIS



- 1 — *Mixed-Doubles* : Mademoiselle Plantier e D. João Villa Franca jogando a última partida em que ficaram campeões de 1900
- 2 — Os vencedores dos campeonatos de tennis em 1909: D. João Villa Franca, mademoiselle Plantier, mademoiselle Mauverrin Santos e José Bello
- 3 — Mademoiselle Plantier jogando. 4 — A assistência nos courts do Sporting Club.—(Clichés de RENOLIEL.)

A VIAGEM DO ESTADO MAIOR EL-REI EM LEIRIA



- 1—A passagem do automovel com El-Rei pelas ruas de Leiria e a ornamentação das casas.
2—Grupo de camponesas nas ruas de Leiria. 3—Chegada de El-Rei ao Governo Civil
4—Grupo dos officiaes de todas as armas que tomaram parte na viagem do Estado Maior



1—O sr. visconde do Marco, governador civil de Leiria, falando com El-Rei.
2—A multidão apinhada na Praça defronte do edificio onde se realizou a conferencia, por occasião de El-Rei chegar à varanda.
(Clichés de BENOLIEL.)

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Mania e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Abergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel nas mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princesa, 270
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51
 Endereços telegraphicos: **Lisboa, Companhia Prado**—**Porto, Prado**
 Numero telephonic: **Lisboa, 605**—**Porto, 117**

— CAPITAL —	
Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação...	266.400\$000
Reis	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Abergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel nas mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

COMPREM AS Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas Novidades em preto, branco ou cor, **Eoleno, Cachemire, Shantung, Duchesse, Crêpe de Chine, Côtelé, Messaline, Mousseline**, largura 120 cm. a partir de fr. 1,25 o metro, para vestidos, bluses, etc., assim como as **bluses e vestidos bordados** em batiste, lá, toile e seda.
 Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos consumidores e francas de porte a domicill.**

SCHWEIZER & C^o
Lucerne E Il. (Suissa)

Exportação de sedas Fornecedores da Corte Real

FARINHA
 LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO
 para crianças e pessoas edosas.

Agencia de Viagens



R. Bella da Rainha, 8-LISBOA

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminho de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens e regulatorias a preços reduzidos na Franca, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc., etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
 Viagens de RECREIO no Mediterraneo e ao Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hoteis.

Viagens baratissimas á TERRA SANTA

Princia NOUVEAU PARFUM
VIOLET
 29, B^d des Italiens, PARIS



BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS

Dr. BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



Madame Brouillard



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, chromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruse, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.



GRATIS 125 machinas fallantes

De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez abso lutamente GRATIS estas machinas com as machinas modelos de 1909. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilla de 25 réis a **CASA SIMPLE**.

BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALANTES.

J. CASTELLO BRANCO
Rua do Soccorro, 48
R. do Santo Antão, 32 e 34 LISBOA

HEMORRHOIDAS
CURAM-SE COM OS
SUPPOSITARIOS
ADRENO-STYPTICOS
MIDY

Para encadernar a ILUSTRACÃO PORTUGUEZA

Já estão á venda bellas capas em percallin de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Ilustração Portuguesa*.

PREÇO 360 RÉIS

Enviem-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia não ser remetida em vale do correio ou sellos em carta regi tada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontispicios respectivos.

Administração do *SEculo*—Lisboa

EM 20 DIAS CURA RADICAL
de ANEMIA, CÔRES PALLIDAS,
CHLOROSE, CONVALESCENÇA PELO
Elixir do S. Vicente de Paulo



Em todas as Pharmacias ou no Deposito Geral,
CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1.º LISBOA
1300 reis o frasco franco porte em todo Portugal
PFLOILLE, Ruas 2, Faub. S. Denis, PARIS

CONCURSO DE 1909

28 PREMIOS EM INSCRIÇÕES

SENDO UM DE

5:000\$000 RÉIS

500 premios em dinheiro

4:000 PREMIOS REPRESENTADOS POR OBJECTOS DA MAIOR UTILIDADE PARA TODA A GENTE

Sorteio em 20 de dezembro

Aviso importante aos concorrentes do Brazil e colonias portuguezas.—Os concorrentes do ultramar e Brazil devem remetter as suas cadernetas de forma a darem entrada na administração do *Seculo* de 1 a 13 de dezembro. Para isso é-lhes facultado o direito de poderem enviar as respectivas cadernetas, contendo apenas os coupons correspondentes aos jornaes publicados desde o inicio do concurso até á data dos ultimos jornaes recebidos.